

Francesco Farioli: entre a desconfiança inicial e o ressurgimento do espírito portista

written by Luís Barradas | 8 de Maio, 2026

OCIDADÃO
Análises e Opiniões

OPINIÃO
Luís Barradas



Confesso sem dificuldade, que quando Francesco Farioli chegou ao Futebol Clube do Porto, tive muitas reservas. Não pelo currículo, nem pela preparação teórica que lhe era reconhecida, mas porque o FC Porto não é um clube para experiências académicas nem para treinadores de laboratório. O FC Porto exige intensidade, personalidade, capacidade de liderança e, acima de tudo, compreensão do que significa usar este símbolo.

A verdade, porém, é que Farioli conseguiu surpreender muitos portistas – incluindo eu próprio.

Mais do que ideias táticas modernas ou um futebol organizado, aquilo que verdadeiramente marcou esta época foi a forma como conseguiu unir o balneário e recuperar algo que o Porto nunca pode perder: espírito competitivo, compromisso coletivo e identidade, tudo isto aliado a uma excelente comunicação. Viu-se novamente uma equipa com alma, com entrega e com sentido de missão. Uma equipa que nos deu crença e nos fez acreditar.

E nisso, a “presença” de Jorge Costa foi também determinante. Sentiu-se, em muitos momentos, o reaparecimento da velha raça do “Bicho”: um FC Porto intenso, incómodo, emocionalmente forte e capaz de lutar até ao limite. Esse ADN esteve adormecido na época passada e voltou finalmente a dar sinais de vida.

Também no mercado houve mérito claro. A maioria das contratações revelou critério, equilíbrio e capacidade para acrescentar qualidade ao plantel. Houve reforços que encaixaram rapidamente na exigência do clube e mostraram personalidade para competir com a pressão própria do Dragão.

No entanto e apesar de uma época muito positiva, exponenciada com a conquista do título de campeão nacional, ficou ainda a sensação de que esta equipa podia ainda ter ido mais longe.

Faltou, em momentos decisivos, uma ambição ainda mais feroz e

aquela ousadia histórica
que fazem parte do ADN portista. O FC Porto não foi construído
para gerir mínimos nem
para se satisfazer com campanhas honrosas. Foi construído para
atacar competições até ao
fim, sem medo de ninguém.

E é precisamente aí que permanece a maior interrogação desta
época.

Porque olhando para o percurso europeu e para a caminhada
interna, fica a ideia clara de
que o Futebol Clube do Porto tinha condições para conquistar
mais. Com uma abordagem
mais agressiva em certos jogos, maior coragem estratégica e
uma mentalidade ainda mais
dominadora, talvez fosse possível chegar à conquista da UEFA
Europa League e da Taça
de Portugal.

Ainda assim, seria injusto ignorar a evolução evidente da
equipa e o trabalho de
reconstrução realizado num contexto externo em que tudo estava
programado para não
sermos campeões.

Mas Francesco Farioli devolveu organização, identidade e
competitividade ao FC Porto. E isso, depois de anos de
desgaste emocional e
instabilidade, é um mérito assinalável.

Agora, o próximo passo é outro: transformar essa recuperação
de espírito em cultura de
conquista. Porque no FC Porto, recuperar o ADN é importante.
Mas cumprir o ADN
significa ganhar. E esse é e será sempre o nosso eterno
desígnio.